

# O Homem Teológico

Dalmo Duque dos Santos

*“Ele erreceferá a chama. Será considerado o pastor de todos os homens. Mal nenhum existirá em seu coração. Quando seus rebanhos são poucos, ele passa o dia a reuni-los, pois estão de coração febril. Ele lhes discernirá o caráter da primeira geração. E destruirá o mal. Suprirá a semente da herança. (...) Onde está esse homem hoje? Dormindo, por acaso? Atenção, o seu poder é invisível. – Testamento de Ptah-hotep, primeiro-ministro do faraó na Quinta Dianstia, 2880 aC.*

O Homem Teológico é o primeiro anúncio profético do Homem Espiritual do futuro. Enquanto o Homem Biológico anunciava o início da postura física vertical, este anuncia os primeiros passos da verticalização espiritual; é o produto mental de uma quinta raça, ainda hoje predominante, mas que será brevemente substituída pela sexta e posteriormente por uma sétima, que será a síntese de todas as anteriores. Segundo a tradição esotérica a quinta raça foi gerada das matrizes arianas, fonte das primeiras civilizações que apareceram nas margens dos grandes rios. Do Nilo surge o Egito, do Tigre e do Eufrates brotam as civilizações da Mesopotâmia, do Ganges nasce a Índia, e dos rios Azul e Amarelo, a China. São sociedades organizadas pelo impulso político de governos teocráticos, onde a religião influencia a tudo e a todos: o poder, o trabalho, a divisão de classes, as categorias profissionais, as artes e as ciências. Os historiadores marxistas definiram esse sistema como um “modo de produção asiático”, vendo o fator econômico como o principal motor dessas civilizações. Mas, culturalmente falando, a religião e a teologia eram as forças predominantes, a base ideológica de todas as peças do sistema: do Estado, da organização social, das relações sócio-econômicas, das ciências e das artes. Esse perfil teológico também é reflexo da aceleração vertical da espinha espírito-dorsal que sofremos desde as rústicas experiências da pré-história. Do período glacial, no qual a espécie humana poderia ter sido extinta se não tivesse dominado a tecnologia do fogo, até os primeiros tempos pré-históricos, ocorre uma considerável elevação do eixo dorsal, sempre em busca do equilíbrio entre o pensar, o sentir e o agir.

A sociedade humana não comportava mais as estruturas do comunismo primitivo; é um momento em que a energia vital que move todos os seres para a evolução desperta em nós um forte egocentrismo e não há mais possibilidade de dividir, sem conflito com o outro, as escassas riquezas de sobrevivência. A competição pela força vai aos poucos sendo substituída pela inteligência. Para administrar a desigualdade e impor a autoridade comum, surge a idéia do Estado-pessoa, uma instituição política cuja abstração só pode ser compreendida quando simbolizada numa figura humana incomum. Essa imagem humana viva é necessária para que cessem as crises de poder e se estabeleça uma nova ordem social. Os monarcas da Mesopotâmia e os faraós

egípcios são exemplos típicos dessa nova fase da Humanidade, de homens-deuses, cujas figuras eram erguidas ao altar da sacralização e se apoiavam em poderosos dogmas e superstições mitológicas. A religião organizada serve como suporte político e a ideologia como importante fator de controle social. Os Estados devem ser sempre sustentados por um aparato teocrático-sacerdotal. O clero é um estamento essencial para o exercício da manipulação político-ideológica. Se por um lado a maioria dos religiosos se prestam ao papel de servos do poder, por outro lado surgem, em momento marcantes, figuras um tanto estranhas ao contexto para subverterem a ordem e dar um novo rumo às coisas. Esses homens possuem um grau de consciência que lhes permitem distinguir o ser humano da Natureza e essa distinção se dá pela moral. Eles observam que a Natureza é regida por leis imutáveis e que essas mesmas leis se manifestam nos seres humanos e nos grupos através do comportamento e da moral. A lei de ação e reação que ocorre no plano da física é a mesma que regula o uso da violência e a prática da solidariedade. A lei da polaridade que define a atuação dos elementos contrários – positivo e negativo, claro e escuro, perto e longe, pequeno e grande, etc, no cenário natural é idêntica quando aplicada nos papéis sociais – forte e fraco, masculino e feminino, o bem e mal. Personalidades intrigantes como Zoroastro, Sidartha Gautama (Budha) funcionam nesses tempos remotos como modelos avançados de equilíbrio emocional e inteligência. Essa percepção aguçada que eles possuem sobre as leis da Natureza e do Universo logo se transformam em tratados filosóficos ou motivos de exemplificação vivencial. São legisladores e pedagogos que estabelecem novos paradigmas de comportamento e tudo o que fazem servem como impulso para grandes transformações. Moisés e os profetas hebreus também marcam esse período servindo ao mesmo tempo de modelo de ruptura da cultura politeísta e estabelecimento do monoteísmo como a grande tendência religiosa do futuro. Todas essas grandes inteligências buscam despertar nos homens comuns a idéia de que somos seres divinos e imortais. Suas idéias vão de encontro às necessidades do povo, mas geralmente colidem com os interesses políticos vigentes. É um confronto inevitável no qual raramente houve acordos e cooperação entre as forças em choque. Eram tempos em que a emoção ofuscava a razão. A morte, antes vista como um acontecimento natural, foi adquirindo significados ritualísticos, cuja magia serviu para manipular, para o bem ou para mal, esse medo do desconhecido<sup>[22]</sup>:

*“Medo da morte, admiração diante da causa das coisas e dos acontecimentos ininteligíveis, esperança de auxílio divino e gratidão pelo bom que acontece, tudo isso contribui para gerar a fé religiosa. Admiração e mistério ligavam-se em especial ao sexo e aos sonhos, e à misteriosa influência dos corpos celestes sobre a Terra e o homem. Os primitivos maravilhavam-se diante dos fantasmas que viam durante o sono e aterrorizavam-se quando lhes apareciam a imagem de parentes e amigos mortos. Enterravam os mortos a fim de que não voltassem à Terra; com eles enterravam seus pertences e víveres, de medo que viessem perseguí-los; às vezes deixavam o cadáver em casa e mudavam-se; em alguns lugares o corpo era retirado por um buraco aberto na parede e conduzido rapidamente, por três vezes, ao redor da casa, para que o espírito esquecesse a entrada e nunca viesse assombrá-la.*

*Tais experiências convenceram o homem primitivo de que cada criatura possuía uma alma, ou vida secreta dentro de si, a qual se separava do corpo na doença, no sono ou na morte. 'Não desperteis ninguém abruptamente', diz um dos Upanishads da antiga Índia, "porque pode acontecer que a alma não encontre meio de voltar ao corpo". Não só o Homem, mas todas as coisas tinham alma; o mundo externo não era insensível ou morto, mas intensamente vivo; se não fosse assim, pensava a antiga filosofia, a natureza seria incompreensível, no movimento do Sol, no raio; murmúrio das árvores. O meio pessoal de conceber objetos e eventos precedeu o impessoal e abstrato; a religião veio antes da filosofia. Tal animismo constitui a poesia da religião, e a religião da poesia."*

*"(...) Havendo concebido um mundo de espíritos, cuja natureza e propósitos ignorava, o homem primitivo procurou propiciá-los, para captar-lhes a benevolência. Ai animismo, que é a essência da religião primitiva, foi adicionada a mágica, que é a essência dos primeiros rituais.*

*(...) O filósofo aceita resignado e de bom grado esta humana necessidade do auxílio ou conforto sobrenatural, e consola-se observando que, assim como o animismo criou a poesia, a mágica gerou a ciência. Frazer demonstrou como as glórias da ciência se radicam nos absurdos da mágica. Porque, como a mágica falhasse muito, o mágico esforçou-se por descobrir causas naturais, a fim de colocá-las a serviço de seus propósitos. Lentamente os meios naturais predominaram, embora o mágico, para preservar sua posição diante do povo crédulo, ocultasse as causas naturais e tudo atribuísse ao milagre. Disso saiu o médico, o químico, o metalurgista e o astrônomo.*

*Outro filho da mágica foi o sacerdote. Gradualmente os sacerdotes foram suplantando o homem comum em conhecimento e habilidade, até que passaram a constituir uma classe especial apta a conduzir as cerimônias religiosas. Por meio da inspiração, do transe ou da prece esotérica, o sacerdote mágico influenciava os espíritos ou deuses e os adaptava aos propósitos humanos. E como esse conhecimento e essa habilidade pareciam aos primitivos amais valiosa de todas as coisas, o poder dos sacerdotes passou a ser tão grande quanto o do Estado; e até nos tempos modernos o sacerdote se vem alternando com o guerreiro na dominação e disciplina do homem comum. A História do Egito, da Judéia e da Idade Média constituem os melhores exemplos.*

*O sacerdote não criou a religião, apenas utilizou-se dela, como o estadista se utiliza dos impulsos e costumes da humanidade; a religião não emerge da invenção, ou da chicana sacerdotal, mas da persistente admiração, do medo, da insegurança, da fraqueza do homem na Terra. O sacerdote causou males, tolerando a superstição e monopolizando certas formas de conhecimento; mas deu aos povos rudimentos da educação, agiu como repositório e veículo da herança cultural da raça, consolou os fracos explorados pelos fortes e tornou-se agente através do qual a religião nutriu a arte e deu auxílio sobrenatural à precária estrutura da moralidade humana. Se o sacerdote não aparecesse, o povo o inventaria."*

A verdade é que nunca aceitamos o fato da morte biológica. Progredimos em muitos aspectos e situações da vida, mas neste terreno ainda patinamos sem sair do lugar. Em todas épocas desenvolvemos formas de fuga e adaptação para encarar o fenômeno que põe fim às nossas existências. Na Pré-história, quando éramos nômades, alguém do grupo morria e o defunto simplesmente ficava para trás, juntamente com os restos das coisas que comemos e da fogueira que acendemos para nos aquecer. Dali seguíamos numa caminhada para o futuro, que era algum lugar onde encontrássemos alimento e abrigo. A idéia de futuro ainda não nos preocupava pois era o somente o dia seguinte e a sensação de segurança era conseguir que o estômago ficasse cheio. O defunto que surgia durante a caminhada não representava nenhum incômodo senão por rápidos e indiferentes olhares de incompreensão e alguns segundos de dúvidas sem respostas que logo abandonávamos juntamente com o cadáver.

Mas à medida que a Consciência foi se verticalizando, os defuntos passaram ser objetos de intranqüilidade. Percebemos que com eles morriam também algumas coisas que nos diziam respeito: a memória, as experiências e os sentimentos. A sedentarização da sociedade humano, advinda com a agricultura e da pecuária, e obtida pela necessidade de cuidar das coisas necessárias à sobrevivência que estavam ao nosso redor, deram um novo significado para a morte de membros do grupo. Eles agora também precisam ficar por perto, juntamente com a lavoura e com os animais domésticos. O apodrecimento do cadáver é uma situação incômoda que será solucionada pelo sepultamento na terra e o túmulo vai representar a sua memória, a lembrança simbólica de quando estava vivo. As sepulturas domésticas passam então a ter proporções de necrópoles quando a urbanização passa a ser o meio social comum. Essa relação sagrada que estabelecemos com a morte, para cultivar a memória dos que se foram, quando a sociedade humana torna-se sedentária, mudou o sentido da nossa caminhada para o tempo futuro, deslocando-a do mundo exterior e geológico para o nosso mundo interior e psicológico. Essa inversão de percurso veio acompanhada de um medo irracional pelo desconhecido, representado pela morte do outro. Como entender e aceitar a nossa morte se temos como parâmetro somente a morte do outros? As fugas que empreendemos para adaptar-nos a essa situação contraditória são visíveis nas representações macabras da arte fúnebre gótica da Idade Média, no erotismo barroco da Idade Moderna. Na Idade Contemporânea, com o advento da industrialização e da sociedade de massas, ocorre uma banalização da morte, quando as tragédias que antes causavam escândalos e impactos são reduzidas a notícias repetitivas dos meios de comunicação. Mas a racionalização da vida social e do espaço geográfico novamente transformam os defuntos em objetos incômodos. A morte súbita, que antes causava expectativa e choque, agora pode ser prolongada ou abreviada pela ciência médica. É uma forma de mantê-la distante do ambiente doméstico, pequeno e restrito, nos hospitais e velórios públicos. Dessa forma somos menos atingidos quando alguém morre. As lembranças e a saudade talvez serão mais brandas se não tivermos contato muito íntimo com os defuntos. Como se vê, não progredimos quase nada.

## **Referências:**

[22] Os meios de comunicação como extensões do Homem. Editora Cultrix. Will Durant. Métodos da Religião, in Elementos da Civilização- Nossa Herança Oriental.

***Artigo Reproduzido com Autorização do Autor***